

Dia de Finados na Cultura Afro-Latina: Memória, Fé e Ancestralidade

escrito por Eduardo Henrique



O **Dia de Finados**, celebrado em 2 de novembro, é uma das datas mais simbólicas do calendário religioso ocidental. Embora amplamente associado à tradição **católica**, suas raízes remontam a práticas muito mais antigas, com influências **pagãs, africanas e indígenas**, que atravessaram os séculos e se misturaram em diferentes expressões de fé na América Latina.

Origens e Transformações no Cristianismo

Desde o **século II**, os primeiros cristãos já costumavam rezar pelos mortos e visitar túmulos de mártires. Foi apenas no século X, sob a orientação do **abade Odilo de Cluny**, na França, que o dia 2 de novembro foi oficializado como data de orações por todos os fiéis defuntos – prática que se espalhou pelos mosteiros beneditinos e depois por toda a Igreja Católica.

Segundo o teólogo **Jacques Le Goff**, em *O Nascimento do Purgatório* (1981), a consolidação do Dia de Finados está ligada ao desenvolvimento da crença no purgatório, um espaço intermediário entre a Terra e o Paraíso, onde as almas se purificam antes de alcançar a salvação.

Perspectivas Espiritualistas: Entre a Oração e a Desmaterialização

No **Espiritismo**, codificado por **Allan Kardec** no século XIX, o Dia de Finados não é considerado uma data exclusiva para homenagens aos mortos. As preces podem ser feitas em qualquer momento, pois, segundo a doutrina, “o verdadeiro culto está no coração e na lembrança afetuada”. A visita a túmulos e o uso de velas não são essenciais, uma vez que os espíritos devem se desprender do mundo material.

Umbanda: Luz, Preceito e Culto às Santas Almas

Na **Umbanda**, religião brasileira de matriz afro-brasileira e sincretismo católico, o Dia de Finados tem um profundo significado espiritual. É o momento de **cultuar as Santas Almas e os Pretos Velhos**, entidades associadas à sabedoria e à caridade.

Os umbandistas acendem velas para seus guias e anjos de guarda, fazem orações e seguem **preceitos de purificação**, evitando o consumo de álcool, relações sexuais e o uso de roupas escuras. O objetivo é fortalecer o corpo e o espírito, promovendo introspecção e vigilância.

A antropóloga **Rita Laura Segato**, em estudos sobre religiosidade afro-brasileira (Universidade de Brasília), ressalta que essas práticas revelam uma “cosmologia relacional”, onde vivos e mortos coexistem em um ciclo contínuo de trocas e aprendizados.

Quimbanda: Entre o Mistério e o Poder das Almas

Na **Quimbanda**, tradição afro-brasileira distinta da Umbanda, o Dia de Finados não é uma celebração obrigatória. Alguns adeptos, contudo, dedicam o dia ao culto de **Exús e Pombagiras do Reino das Almas**, entidades que transitam entre os mundos e são associadas ao cemitério.

Essa prática, segundo o pesquisador **José Beniste**, em *As Sete Linhas de Umbanda* (2010), reflete uma reelaboração simbólica das antigas religiões banto e yorubá, adaptadas ao contexto urbano e sincrético brasileiro.

Jurema Sagrada: O Culto aos Antepassados

Na **Jurema Sagrada**, também chamada de **Catimbó Jurema**, o Dia de Finados é marcado por rituais de homenagem aos ancestrais e mestres falecidos. O **Mestre Juremeiro Alberto Júnior** explica que, quando um juremeiro parte, é realizada uma oferenda na “**árvore ancestral da Jurema**”, onde são lembrados nomes de familiares e guias espirituais.

Esses ritos unem elementos do **xamanismo indígena e do catolicismo popular**, expressando uma reverência profunda à linhagem espiritual.



Haitianos indo ao cemitério no dia de finados.

Vodu Haitiano: Festa dos Mortos e Devoção aos Lwa

No **Vodu Haitiano**, o Dia de Finados é uma celebração nacional que mistura rituais católicos e africanos. Os devotos homenageiam os **Lwa das Almas**, especialmente **Barão Samedi** e **Maman Brigitte**, espíritos guardiões dos cemitérios e da passagem entre mundos.

Ofertas de **rum, café, comidas e flores** são deixadas sobre os túmulos, acompanhadas de cânticos e danças que celebram a continuidade da vida. Segundo o antropólogo **Alfred Métraux**, em *O Vodu Haitiano* (1958), “a morte, no Vodu, não representa um fim, mas uma transformação: os mortos permanecem ativos, guiando e protegendo os vivos”.

Maria Lionza e o Culto Venezuelano aos Espíritos

No **Culto a Maria Lionza**, praticado na Venezuela, o Dia de Finados não é uma data principal do calendário litúrgico – sendo o **12 de outubro** o dia mais sagrado. Ainda assim, alguns devotos realizam orações pessoais aos seus mortos, unindo fé popular e devoção ancestral.

Ancestralidade como Continuidade da Vida

O Dia de Finados, em suas múltiplas expressões afro-latinas, vai muito além do luto. Ele representa a **comunhão entre mundos**, a reafirmação da **memória coletiva** e o **culto à ancestralidade** – valores centrais em diversas tradições africanas.

Como escreveu o filósofo africano **John Mbiti** em *Religiões e Filosofia Africana* (1969), “na África, os mortos nunca estão realmente mortos; eles continuam vivos nas memórias, nos nomes e nas ações dos vivos”.

□ Referências

BENISTE, José. *As sete linhas de Umbanda*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORRÊA, Norton Figueiredo. *A Jurema e o Catimbó no Nordeste*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1997.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MBITI, John S. *Religiões e filosofia africana*. São Paulo: Paulus, 1999.

MÉTRAUX, Alfred. O vodu haitiano. São Paulo: Martins Fontes, 1995.